

## REFLETINDO SOBRE A SEXUALIDADE COM PRÉ-ADOLESCENTES: RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Irani Iracema de Lima Argimon*<sup>1</sup>

*Helena de la Rosa da Rosa*<sup>2</sup>

*Karen Agostini Daldon*<sup>3</sup>

*Renata Peretti Kuhn*<sup>4</sup>

*Thais Galvani*<sup>5</sup>

**Resumo:** Este é o relato de experiência de um trabalho realizado por um grupo de graduandas de Psicologia, com pré-adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em um Centro Comunitário localizado na cidade de Porto Alegre/RS. O objetivo principal foi proporcionar um espaço descontraído de reflexão, através de um grupo operativo no qual os jovens pudessem trazer questões sobre sexualidade. Foram realizados encontros semanais durante seis meses, construídos de acordo com as necessidades que iam surgindo ao longo do processo. Assim, aspectos como sexualidade, pré-adolescência e o relato das atividades realizadas são discutidas neste trabalho.

**Palavras-chave:** Sexualidade; Pré-adolescência; Educação Sexual.

**Abstract:** This is a report of a work carried out by psychology students, with pre-adolescents in a socially vulnerable situation, in a Community Center located in Porto Alegre/RS. The principal aim of this work was to

---

<sup>1</sup> Psicóloga. Professora da Faculdade de Psicologia da PUCRS. Tutora do Programa de Educação Tutorial. [kdaldon@uol.com.br](mailto:kdaldon@uol.com.br)

<sup>2</sup> Graduanda em Psicologia na PUCRS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. [helenadelarosa@hotmail.com](mailto:helenadelarosa@hotmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda em Psicologia na PUCRS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. [kdaldon@uol.com.br](mailto:kdaldon@uol.com.br)

<sup>4</sup> Graduanda em Psicologia na PUCRS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. [rezinhapk@pop.com.br](mailto:rezinhapk@pop.com.br)

<sup>5</sup> Graduanda em Psicologia na PUCRS. Bolsista do Programa de Educação Tutorial. [thaisgal@hotmail.com](mailto:thaisgal@hotmail.com)

provide a relaxed space for reflection, through a work group in which the young people raise questions about sexuality. Weekly meetings took place over a period of six months, in accordance with their needs, which arose along the way. Therefore, subjects such as sexuality, pre-adolescents and the report of the activities carried out are discussed in this article.

**Keywords:** Sexuality; Pre-adolescence; Sexual Education.

Toda a primeira vez é, com certeza, no mínimo angustiante, e todo principiante provavelmente sente-se inibido frente ao tema da sexualidade. No entanto, quando chega a ocasião, logo se aprende a encarar as dificuldades como insignificantes e os tabus como fonte de inspiração. Esta foi a proposta do trabalho realizado por nós, graduandas de Psicologia, bolsistas do Programa de Educação Tutorial (PET) da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, na qual nos víamos instigadas pelo desafio de trabalhar sexualidade com pré-adolescentes em situação de vulnerabilidade social em um Centro Comunitário localizado na cidade de Porto Alegre/RS. Para isso, necessitávamos unir dois mundos novos: o nosso, no qual fazíamos o papel de educadores pela primeira vez, e o deles, que se viam diante do novo, sentindo a sexualidade aflorar em seus corpos e desabrochar em suas atitudes.

A proposta de trabalho surgiu após algumas visitas ao local, nas quais pudemos conversar com representantes da instituição e, juntos, discutimos a necessidade de serem retomadas com os alunos as oficinas de educação sexual, anteriormente ministrada pelo estagiário de Psicologia. Dentro desta proposta, nos foi sugerido que trabalhássemos com turmas de pré-adolescentes, numa faixa etária entre 10 e 13 anos.

Essa demanda, relatada pela coordenação do centro, nos foi justificada a partir de atitudes, dúvidas e colocações feitas pelos jovens, que eram manifestadas, muitas vezes, em momentos não apropriados. Também foi solicitada a necessidade dos pré-adolescentes aliviarem suas ansiedades, tão características dessa fase.

Os educadores do local muito contribuíram para a formulação do nosso plano de trabalho, uma vez que convivem diariamente com estes jovens. Pontuaram a extrema importância de trabalhar não somente aspectos físicos e biológicos relacionados à sexualidade, mas, principalmente, aspectos emocionais e afetivos, nos quais os pré-adolescentes mostram-se mais carentes e desorientados durante etapa do desenvolvimento. Assim, seria um trabalho de educação sexual, que para Carvalho (2001) diz respeito ao ensino de aspectos

da sexualidade humana, envolvendo a discussão de valores e sentimentos envolvidos nela, com a visão de que o indivíduo é ativo neste processo, não apenas um receptor de informações. A educação sexual, portanto, é mais abrangente e profunda, e inclui a orientação sexual. Esta proposta vem ao encontro do conceito proposto por Suplicy (1999), no qual explicita que orientação sexual é um processo de intervenção que envolve o desenvolvimento sexual, compreendido também pelas relações interpessoais, afetividade, imagem corporal, auto-estima e relações de gênero. Enfoca, então, não só a dimensão fisiológica, mas também a social, a psicológica e a cultural. Esse processo de educação sexual costuma ocorrer informalmente, através de tudo o que a família transmite à criança e ao adolescente, promovendo o progressivo amadurecimento de sua sexualidade no decorrer da vida. Entretanto, atualmente, muitas famílias estão desprovidas de elementos necessários para a realização desta educação, recaindo sobre outras instituições o desempenho desta função. Tendo estes conceitos como norteadores de nosso caminho, objetivamos, principalmente, proporcionar um espaço descontraído de reflexão, através de um grupo operativo no qual os jovens pudessem trazer questões sobre sexualidade. Este espaço foi construído de acordo com as necessidades que iam surgindo ao longo do processo, incorporando e respeitando a filosofia da instituição de propiciar espaços de cidadania, educação e lazer, objetivando despertar um posicionamento participativo, crítico e consciente.

### **A realidade da instituição permeando a dinâmica do trabalho**

A extensão comunitária foi realizada em uma Instituição de Assistência à Comunidade, financiada pelo Governo Estadual, situada em um bairro afastado do centro da cidade, próximo à periferia. Neste espaço, pessoas de todas as faixas etárias são recebidas para diversas atividades.

Logo que o Centro iniciou suas atividades, trabalhavam em conjunto assistentes sociais, psicólogos, advogados, dentistas, professores e outros profissionais, promovendo serviços respectivos a suas profissões. O principal objetivo do centro, portanto, é promover cidadania, através de ações de saúde, esporte, trabalho, lazer, educação e cultura. Despertar a consciência das pessoas para a realidade e motivá-las a uma maior participação neste âmbito são metas que já vem sendo atingidas.

Apesar de toda a construção social realizada por este espaço, diversas outras questões acabam, muitas vezes, por dificultar o crescimento local. Toda a

realidade encontrada na instituição na qual desenvolvemos o projeto, tanto em relação aos alunos quanto à sua estrutura, é fortemente marcada pela sua história de necessidades e privações, que acabaram por permear a trajetória de nosso trabalho. No âmbito institucional, devido à dependência financeira do Governo, a maioria das atividades fica limitada pela falta de recursos. Muitas áreas que estavam no planejamento do prédio não foram concluídas, materiais e outros recursos são escassos, como os recursos humanos. Nota-se um grande movimento de estagiários no local, mas faltam profissionais formados, como havia no início do processo, profissionais aqueles que possuíam uma maior experiência na área, inclusive para a tão necessária supervisão dos estagiários. Todas estas questões contribuem para uma dicotomia entre a riqueza de crescimento do local e a sua limitação. No âmbito dos usuários do local, esta história é em decorrência da sua situação de vulnerabilidade social, caracterizada por problemas que vão além de renda ou posse de bens, compreendem incertezas, inseguranças e exposição a riscos provocados por eventos socioeconômicos ou pelo não acesso a determinados bens, como educação, saúde e lazer (Abramovay, 2002).

O termo vulnerabilidade surgiu a partir de reflexões acerca das limitações existentes nos estudos sobre a pobreza, que não eram capazes de abranger a complexidade dos problemas sociais. Pode ser compreendido como o momento em que os recursos materiais ou simbólicos, de uma pessoa, família ou comunidade são insuficientes ou inadequados para lidar com a estrutura social vigente, impedindo-os de ascender a melhores níveis de bem estar (Vignoli, 2001). Tal situação levou-nos a refletir sobre a situação dos pré-adolescentes com os quais convivemos nesses encontros. Aliando este conceito de vulnerabilidade com o pensamento de Cruz (1997), de que “as idéias infantis sobre sexualidade, o que as crianças dizem, explicitam ou ocultam, revelam o contexto sócio-histórico em que vivem”, é possível entender gestos mais “tímidos” e contidos, quando esperávamos uma maior mobilização durante técnicas e dinâmicas. Tais atitudes, que acabavam por nos despertar um certo desânimo, eram justamente o indicativo de toda a demanda que queríamos despertar. Aqueles pequenos gestos, que pareciam distantes ou frios, já eram um início, uma aceitação, tendo em vista que, primeiramente, observávamos apenas tapas, chutes e palavras agressivas entre os participantes.

Esta falta de recursos, principalmente humanos, da instituição, e a realidade de insuficiências, vivida por essa população, facilitou nossa inserção. As necessidades de realização desse trabalho, aliada ao nosso entusiasmo e disposição, impulsionaram a concretização deste projeto. No entanto, toda essa responsabilidade que nos foi delegada, com certeza, era uma grande

geradora de ansiedade. Estar dentro de uma instituição com uma estrutura deficitária, entrar em contato com uma realidade diferente da nossa e abordar questões capazes de mobilizar os mais diversos e distintos sentimentos era um grande desafio, que foi sendo intensificado ao depararmos-nos com bocas mudas e gestos de recusa. Entretanto, a cada encontro tentávamos incessantemente, através de diversas formas, mobilizar o grupo para o que seria trabalhado, e, apesar da forte resistência dos pré-adolescentes durante vários encontros, gradualmente a participação deles foi acontecendo.

### **Trabalhando a sexualidade: uma constante evolução**

Depois de identificada a demanda, perguntávamos-nos como iríamos abordar sexualidade para jovens do século XXI, que deveriam ser os atores da era da informação, produzidos e nutridos pelos conhecimentos humanos e tecnológicos. Entretanto, são estes que acabam, muitas vezes, sendo meros coadjuvantes, carentes de recursos materiais e simbólicos.

Cientes de que o conceito e o manejo da sexualidade foram evoluindo no decorrer dos anos, procuramos entender essa evolução que culminou na atual conjuntura dos fatos que hoje presenciamos. Nos anos 60, uma época tradicional, o assunto era visto como tabu, na maioria das vezes, relacionado a questões religiosas e morais, sufocando o espaço de discussão e crítica. Os questionamentos eram reprimidos, ignorados, e algumas regras impostas eram tomadas e aceitas como verdades absolutas.

Com o tempo, as pessoas e suas atitudes frente à sexualidade foram mudando. Finalmente, na década de 80, houve uma grande revolução neste âmbito. Os movimentos feministas reivindicaram direitos para as mulheres, e a liberdade sexual foi difundida praticamente em todo o mundo. Diversos paradigmas foram questionados e modificados, permitindo que a sexualidade fosse discutida cada vez mais cedo.

Teríamos, então, que abordar a sexualidade de acordo com um novo conceito massivamente exposto pela mídia. Uma sexualidade dicotomizada, que vem sendo apresentada de uma forma que em nada favorece a educação sexual. Pode-se perceber, hoje, o crescimento de uma sexualidade desprovida de afeto ou emoção. O papel da relação, do vínculo e da afetividade, aparentemente, tornou-se segundo plano, dando ênfase apenas para o desejo e para a excitação.

Com certeza, em nosso trabalho não poderíamos desconsiderar que estes aspectos fazem parte da sexualidade e, principalmente, da sexualidade

daqueles jovens carentes de orientação. No entanto, era nosso papel alertar que é esta forma de sexualidade que nos traz riscos biológicos, sociais e psíquicos. Essa maneira distorcida de ver e encarar a sexualidade foi o maior desafio da atividade que estávamos propondo. Fazer esta união entre o físico e o emocional, o corpo e a mente, mostrava-se extremamente necessária e difícil. Orientar não era nossa idéia, e sim proporcionar a estes pré-adolescentes, persuadidos pelos exigentes hormônios que produzem, um espaço no qual pudessem trazer à tona sua sexualidade. Espaço este onde pudessem, sozinhos, perceber uma nova forma de encarar a sexualidade, uma forma integrada, na qual a excitação encontra o sentimento e proporciona o prazer pleno, sendo assim, verdadeiramente vivida, sentida e aproveitada.

No entanto, é impossível desconsiderar a dificuldade, culturalmente construída, do ser humano para falar abertamente sobre a sexualidade. Apesar do espaço conquistado para se falar sobre o assunto, mesmo que nas escolas, em casa e em outros lugares haja uma preocupação com a educação sexual, em transmitir informações sobre os órgãos e atividades sexuais, percebe-se hoje uma carência muito grande na área das relações afetivas, no aspecto emocional. Mais do que não saber a respeito da prevenção, ou não conseguir colocar em prática nas suas vidas o que aprendem tecnicamente, seja por vergonha ou descuido, os jovens estão tendo dificuldades para entender seu lado emocional, de colocar limitações e determinar seus valores relacionados ao assunto. Surge, então, uma dificuldade para nortear relacionamentos, que ficam perdidos, sem direção, já que não há uma reflexão sobre o que realmente esperam e querem.

Todas estas dúvidas acabam por crescer e intensificar-se devido à faixa etária em que o grupo de jovens se encontra. A adolescência é uma fase de muitas dúvidas e reafirmações, na qual os jovens vão concretizar e decidir certas posturas que querem assumir em suas vidas. Todavia, essa construção precisa de direção, de crítica e de reflexão. Esse auxílio que o jovem necessita, muitas vezes, é falho e distante, pois ultrapassa o âmbito da informação, pressupõe recursos materiais e simbólicos, além de acesso à estrutura de oportunidades sociais, econômicas e culturais. Sendo estas estruturas provenientes do Estado, do mercado e da sociedade, independem de suas possibilidades, deixando-o a luz de suas indagações e pensamentos contraditórios próprios da idade.

Dessa forma, queríamos desenvolver um trabalho sobre sexualidade que também pudesse abranger questões referentes a essa fase da vida pela qual os pré-adolescentes estão passando. E para isso, não bastava trabalhar sexualidade apenas, era necessário um profundo conhecimento, aproximação e inserção no mundo adolescente.

## O pré-adolescente e seu mundo de descobertas

Segundo Siqueira (2003), as brincadeiras, os grupinhos, as piadas, os palavrões e os grafismos são ações carregadas de excitação e que demonstram a liberação de fortes impulsos sexuais. O mesmo autor ainda acrescenta que por volta dos 10 ou 11 anos de idade, a menina está com a expectativa da primeira menstruação, algumas até já ficaram menstruadas, enquanto os meninos, na sua maioria, ainda não estão vivenciando os fenômenos da puberdade. Esses aspectos estavam explícitos no nosso trabalho, transparecendo através de gestos, atitudes e durante pequenas tarefas determinadas. Na solicitação de desenhos, era marcante o número de meninas que rabiscavam absorventes e figuras de adolescentes na menarca, assim como a diversidade de manifestações dos meninos a respeito do surgimento de pêlos e a mudança na voz, sendo estas as questões que mais despertavam interesse e curiosidade.

A partir desses entendimentos da pré-adolescência e cientes da realidade de carências, tanto materiais quanto psicológicas, vivida por esses jovens, construímos um plano de atividades. Este consistia no desenvolvimento de dinâmicas e tarefas com materiais que nos auxiliassem a trabalhar assuntos como o conhecimento do próprio corpo e seu desenvolvimento, a relação com o outro, bem como a importância da mesma, além de conhecimentos práticos sobre sexualidade.

Nos primeiros encontros focalizamos o corpo e sua importância. Primeiramente, realizamos um exercício de alongamento e relaxamento, onde cada um podia sentir cada parte de seu corpo. Tal atividade iniciou-se com um pouco de resistência, que perdurou até seu término, aliando retraimento e desconfiança. Complementando esse primeiro momento, propusemos uma dinâmica de (re)conhecimento corporal, na qual cada um foi instigado a pensar em todo seu corpo, nas partes que consideravam mais importantes e em suas utilidades. Nestas ocasiões, precisávamos trabalhar com a vergonha e o silêncio, já que mesmo que o movimento de seus corpos expressasse a inquietude, as palavras acabavam não surgindo e os olhares desviavam-se.

Tais dificuldades confrontavam nossa proposta inicial de funcionar apenas como facilitadores de conversas informais, estimulando os pré-adolescentes a colocarem suas opiniões e questionamentos espontaneamente. Passados alguns encontros, percebemos que eles estavam muito inibidos e com dificuldade para se expressar. Nestes momentos, sentimentos de desafio e motivação mesclavam-se com o medo da frustração e do silêncio, então nos

olhávamos e sutilmente os incentivávamos e instigávamos, para que verbalizassem o que seus olhos nos expressavam. A partir disso, nossa caminhada foi sendo modificada, reestruturamos nossa forma de trabalhar. Acrescentamos ao trabalho dinâmicas de descontração que pudessem aumentar nosso vínculo e incentivar o desabrochar daqueles corações que travavam uma luta entre o anseio por conhecer e a vergonha de questionar.

Essa mudança acarretava uma maior participação dos jovens, que pareciam estar mais desinibidos por se tratarem de atividades que fugiam do foco da sexualidade, tornando-as aparentemente mais simples. Por outro lado, essa nova forma de trabalhar nos causava sentimentos que oscilavam entre o alívio, por poder contar com a participação efetiva do grupo, e a frustração pela sensação de que o nosso objetivo principal não seria adequadamente abordado e nem atingido.

### **Recortar e colar: construindo conhecimentos**

Na tentativa de alcançar portos mais seguros, onde fosse possível a imersão dos conceitos pré-estabelecidos, além das dúvidas e questionamentos, buscamos uma atividade diferenciada das até então praticadas. Ressaltando as diferenças de gênero e das etapas do desenvolvimento, questionamos o que diferenciavam entre eles e seus irmãos, menores e maiores. Propusemos que em grupos procurassem, em revistas, imagens que evidenciassem ou simbolizassem essas questões. No ato de recortar e colar, os conceitos e conflitos foram emergindo, através de figuras de faces joviais e já envelhecidas, corpos cobertos e corpos sedutoramente expostos ou cenas de inocentes beijos e cenas muito sensuais. Tais imagens mobilizavam sentimentos e provocavam a inquietude traduzida em seus gestos e movimentos incessantes.

As primeiras figuras, de conteúdo sexual explícito, coladas nos cartazes por alguns alunos mais extrovertidos, causavam uma inquietude ainda maior no grupo. Quando perceberam a nossa naturalidade frente a tais figuras, desprenderam-se do constrangimento, expressando suas curiosidades através das colagens.

No encontro posterior, para retomar o assunto, expusemos os cartazes confeccionados por eles e solicitamos que cada grupo explicasse as figuras e os pensamentos despertados a partir deste trabalho. Como de costume, o desenrolar do assunto foi conturbado por risadinhas, cochichos e olhares que se desviavam ao entrarem em contato com os nossos. Percebíamos,

mais uma vez, a demanda que nos levou a realizar este trabalho, ela estava na nossa frente, colada em papel pardo e estampada em gestos de recusa com que nos deparávamos novamente. As palavras não saíam, e então precisamos estimulá-los com perguntas e reflexões. Porém, a fluidez da conversa ainda era interceptada por risadas e deboches. Com o intuito de driblar tais dificuldades, intensificamos nossa atuação, comentando sobre o que podíamos observar nos cartazes e a respeito das transformações que sofreremos na adolescência, instigando-os a refletir se eram mudanças apenas corporais. A partir daí, começamos a integrar o amadurecimento do corpo com o do psíquico e a conversa passou a fluir livremente.

Dominando nossas expectativas e ansiedades, iniciamos uma retomada de tudo que já havíamos discutido, inclusive em outros encontros. Falamos sobre todo o processo de desenvolvimento físico e emocional, que acaba por nos preparar para um novo olhar em relação ao sexo oposto, iniciando-nos em novos conhecimentos e relações. Foram momentos de visualizar o conflito, recortar as dúvidas e colar as respostas, integrando conhecimentos que possibilitaram um olhar mais concreto e consciente do homem, da mulher, e dos caminhos percorridos pelo corpo e pela mente.

### **Uma nova prática: aspectos biológicos**

Nessa etapa do desenvolvimento, é comum aumentar as rivalidades entre meninos e meninas e a curiosidade sexual, o que propicia um clima de maior agitação e excitabilidade. Pôde-se perceber isso nas diversas vezes em que nos deparamos com o “zunzunzum” da turma que, inquieta pelo assunto proposto, dificultava a continuidade das atividades. Essa rivalidade tão característica da pré-adolescência, somada à inibição frente ao sexo oposto, eram evidenciadas nos sorrisos, nos sussurros e nas piadinhas, levando-nos a questionar a validade de fazermos alguns encontros onde as meninas e os meninos pudessem ficar em grupos separados e discutir mais livremente.

Tal proposta foi aceita com entusiasmo pela turma, e a nova estrutura mobilizou esperanças e expectativas tanto no grupo quanto em nós mesmas. Acreditávamos que essa mudança propiciaria discussões mais profundas e desinibidas e no dia marcado foi possível identificar os benefícios dessa divisão.

No grupo dos meninos, em um primeiro momento, nossas expectativas de quebrar o silêncio encontraram novamente a timidez e o retraimento, levando-nos a questionar essa “separação” de gênero, já que as coordenadoras

eram todas mulheres. No entanto, ao encerrar o encontro, alguns meninos permaneceram na sala e, com a saída dos colegas, conseguiram trazer algumas dúvidas que nos impulsionaram a promover um segundo encontro com uma estrutura diferenciada. Tendo como ponto de partida a necessidade de aproximação e de fortalecimento do vínculo, além da dificuldade inicial, propusemo-nos a realizar um trabalho mais específico, uma aula que enfatizasse os aspectos biológicos, esclarecendo as dúvidas mais recorrentes com uma linguagem clara e próxima das suas realidades. A especificidade do assunto, a maneira de abordar o conteúdo e a postura que assumimos, sentando-nos no chão, facilitaram o nosso contato e possibilitaram um ambiente permissível e acolhedor, onde as questões podiam emergir naturalmente. Primeiramente, mostramos o corpo do homem, e os garotos, inquietos, já questionavam se não tínhamos levado a figura do corpo da mulher. Na tentativa de diminuir a ansiedade e a expectativa, ressaltamos o quanto era importante conhecermos o nosso próprio corpo e entendermos o nosso funcionamento. Neste momento, iniciamos a “aulinha” para qual havíamos nos preparado. Os olhinhos curiosos estavam atentos, mas, algumas vezes, também inibidos, e na ambivalência entre a vontade de conhecer e a vergonha de perguntar, eles demonstravam todo o entusiasmo em risadas e agitação corporal.

Apesar de nosso esforço em manter a atenção dos participantes sobre o corpo masculino, os meninos não conseguiam controlar a ansiedade para visualizar a figura feminina. Quando a ansiedade foi diminuindo, mostramos as próteses penianas e do aparelho feminino que havíamos levado. Primeiramente trabalhamos a feminina, que parecia demandar maior curiosidade, e explicamos com detalhes como era colocada e usada a camisinha feminina. Posteriormente, mostramos a prótese masculina e demonstramos como utilizar a camisinha masculina. Após a sua colocação, passamos a prótese para que cada um pudesse visualizar, tocar e sentir. Alguns pegavam e analisavam, outros nem queriam tocar, mas todos riam e faziam comentários maliciosos.

Paralelamente ao grupo dos meninos, caminhava um grupo pequeno e tímido: o das meninas. A maioria estava muito envergonhada e, de cabeça baixa, escondiam-se atrás de seus cabelos. As conversas paralelas e os cochichos enchiam a sala e pedimos, então, que pudessem trazer para o grande grupo o que tanto lhes incomodava. Assim, o que, às vezes, era motivo de graça, foi aos poucos se transformando em colocações inseguras.

A vergonha e a ansiedade eram tantas que por muito tempo todas evitavam falar diretamente a respeito de suas experiências. Contavam histórias das

amigas e falavam umas pelas outras, mas sempre sem citar nomes, chegando, inclusive, a nos perguntar como tinha sido a nossa passagem pela adolescência e a vivência dos aspectos relacionados à menstruação. Depois que contamos o que nós havíamos sentido, tentamos aliviar uma de suas maiores ansiedades, a questão do tempo. Tempo de menstruar, de beijar, de ficar, de ver os seios crescerem, tudo isso borbulhava dentro daquelas meninas e nos fazia cada vez mais reviver nossos tempos de pré-adolescência. Essas vivências em comum estreitaram nosso vínculo e favoreceram um ambiente livre de vergonha, culpa ou pudor, fazendo com que aquele grupo de meninas conseguisse trazer questões tão pessoais. Diante disso, propusemos uma brincadeira que funcionaria da seguinte forma: nós falaríamos uma palavra, e então elas diriam a primeira coisa que pensassem a respeito dela. A primeira palavra na roda foi menstruação, depois beijo, sexo, entre outras. Os assuntos renderam muitas histórias, dúvidas e preocupações que concretizavam a validade daquele trabalho.

Em um segundo momento, assim como no grupo dos meninos, levamos próteses do aparelho reprodutor feminino e masculino, o que gerou muitos gritos e risadas entre as meninas. Propusemos uma atividade mais específica relacionada ao corpo e seu funcionamento, abordando, também, o uso de preservativos e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Este assunto gerou muita curiosidade em todas as meninas, e as perguntas eram misturadas com as risadas que demonstravam o nervosismo e a vergonha diante das próteses. O não saber o que fazer, o medo de tocar naqueles objetos tão familiares e, ao mesmo tempo, estranhos, era evidente. Assim, depois de superado, toda a conversa começou a fluir naturalmente.

Todos esses materiais auxiliaram-nos a proporcionar um entendimento sobre a sexualidade de maneira mais clara e objetiva, finalizando a trajetória percorrida. Foi um encontro diferenciado, de novos sentimentos e algumas certezas, no qual, pela primeira vez, sentimos o vínculo estabelecido e a relevância de nosso trabalho. Cada olhar, cada pergunta ou mesmo cada palavra, nos transmitiam a confiança que eles depositavam em nós, nas nossas palavras e atitudes. No decorrer do encontro conseguimos perceber uma certa mudança naqueles que antes pareciam tão pequenos e desinteressados, mas que durante aquele momento pareciam tão grandes e maduros, deixando transparecer os frutos do nosso trabalho e, assim, nos engrandecendo também.

Produtos pela diferença e pela vergonha, esses dois encontros, separados por gênero, foram reproduzidos pela ânsia de conhecimento e expressão,

mas barrados pelos limites do tempo. A princípio, a idéia era de um único encontro, mas o desejo verbalizado de continuar levou-nos a realizar mais um espaço de conhecimento, troca de experiência e esclarecimento. Este, já que nos encontrávamos no término da execução do projeto, finalizou nosso ciclo de encontros, antecedendo apenas a festa de encerramento. Foram poucos, mas valiosos os minutos que transformaram nossas angústias e ansiedades em alívio e certezas capazes de alimentar a esperança e o entusiasmo em trabalhos como este.

### **O pesar do fim e o desejo de recomeço**

Muito embora as despedidas tragam sempre o “sabor amargo da saudade”, com a proximidade do “fim” sabíamos que esta nos traria também um certo alívio. Foi uma miscelânea de sentimentos, ansiedade e dúvida, tristeza e alegria, o desejo de continuar muitas vezes barrado pelos percalços do caminho.

Ciclos se encerram e novos horizontes se abrem, e ao encerrar um trabalho visualizávamos mais que o término, vislumbrávamos possibilidades, presenciando certezas. Confeitamos bolos elaborando a despedida, partilhamos acreditando nos resultados, brincamos e cantamos para celebrar as pequenas conquistas. Após tantas dúvidas e algumas frustrações, sentimos o valor e a importância do caminho que juntos percorremos. Entendemos que os resultados não são imediatos, nem as transformações capazes de serem realizadas com a mesma intensidade e rapidez por todos os seres humanos. Cada um, de acordo com suas possibilidades, respeitando seus limites e momentos pode, ou não, ser tocado por palavras, gestos e olhares. Aprendemos que pequenas mudanças e o despertar de consciências já valeria horas de ansiedades, incertezas e frustrações. Percebemos que tantos sentimentos, considerados negativos, estariam sempre presentes quando nos deparássemos com desafios como este, no qual nos confrontávamos não só com uma diferente realidade, mas também, precisávamos enfrentar nossos anseios e limitações a respeito do assunto.

O crescimento e desenvolvimento dos pré-adolescentes foram sendo percebidos a cada encontro, através de palavras e atitudes que demonstravam o quanto estavam aprendendo com tudo que estava sendo trabalhado. Mais do que aspectos biológicos específicos, percebemos uma reflexão a respeito do âmbito emocional da sexualidade, da importância do afeto, do respeito e do amor para com si e para com os outros. Foi possibilitado um espaço onde foi possível lançar as dúvidas, construir estratégias para lidar com as incertezas

e estabelecer um vínculo de confiança que nos incentiva a continuar investindo cada vez mais instrumentalizados para ensinar e aprender. Assuntos que talvez por outro meio esses pré-adolescentes em situação de vulnerabilidade social não teriam oportunidade de discutir foram refletidos, através deste espaço que era para eles e, ao mesmo tempo, construído por eles. Os frutos deste trabalho talvez sejam colhidos futuramente, quando antes de uma atitude, possam pensar no que aprenderam e direcionar seus caminhos com escolhas mais conscientes e seguras. E é essa nossa maior esperança.

Esta turma foi um desafio constante, uma incógnita querendo ser decifrada, que nos acolheu e nos recusou, que falou com os olhos, mas nos envolveu no silêncio. Um desafio que, com certeza, nos proporcionou um espaço de muito crescimento. Progresso este que foi profissional, através do aprimoramento de técnicas de trabalho em grupo, de manejo de conflitos e situações adversas. Foi, também, um crescimento pessoal, no qual desenvolvemos a sensibilidade e a capacidade de traduzir gestos e relacionar, além de conhecimentos científicos, experiências de vida, proporcionando um enriquecimento dos encontros e da produção realizada neles. Nos deparamos com uma realidade diferente da nossa, podermos crescer e aprender juntamente com pré-adolescentes que tinham outras experiências e conhecimentos foi a maior contribuição que pudemos ter com a realização deste trabalho. Acreditamos, também, que não há recompensa maior que poder observar o resultado de nossos encontros no progresso de cada um, de forma particular e única. Tal vivência e prática serão base para outras tantas que possam vir a ser realizadas, uma porta de entrada para novos projetos e novas dedicações.

## Referências bibliográficas

- ABRAMOVAY, M et al. *Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina: desafios para políticas públicas*. Brasília: UNESCO, 2002.
- BRUNO, Z. V.; BAILEY, P. E. Gravidez em adolescentes no Ceará: maternidade ou aborto? *Seminário Gravidez na Adolescência*. Ministério da Saúde, Projeto de Estudos da Mulher/Family Health International, Associação Saúde da Mulher. Ceará: USAID, 1998.
- CARVALHO, H. R. A educação sexual na escola católica. In: *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*. Vol. 12, n. 2, 2001.
- CRUZ, E. *A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto*. Campinas: Educ, 1997.
- SIQUEIRA, T. C. B. Educação sexual X Informação sexual na escola. *Revista Educativa*. Goiânia, 2003.

SPINK, M. J. Das disputas necessárias para pensar a psicologia na modernidade tardia. In: *Psico*. Vol. 35, n.1, jan./jun. 2004.

SUPLICY, M. *Conversando sobre sexo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

VIGNOLI, J.R. *Vulnerabilidad y grupos vulnerables: un marco de referencia conceptual mirando a los jóvenes*. Santiago de Chile: CEPAL, 2001.

### **Agradecimento:**

Agradecemos à Psicóloga Eluisa Bordin Schimidt pela revisão do texto e aos participantes anônimos deste trabalho.